

MALDITOS SÃO OS QUE LEEM: NEGO FUBA E LUTA DE CLASSES EM SAPÉ (1931-1964)

Ítalo Ramon Coelho de Aquino¹

Introdução

O texto apresentado neste artigo é resultado de minha pesquisa de doutorado que tem como tema a atuação dos camponeses da região da várzea paraibana em especial da liderança de João Alfredo também conhecido como Nego Fuba, tentando entender sua liderança e sua importância no processo organizativo dos trabalhadores rurais da região. Durante esta introdução explanarei de maneira breve o debate racial existente dentro do PCB, assim como farei um paralelo entre a atuação de Nego Fuba e as linhas defendidas nas trincheiras do partido. Neste contexto, busca-se demonstrar como a tradição marxista, na qual João Alfredo está inserido, aborda as questões raciais à luz de seus fundamentos teórico-metodológicos. Desta forma, refuta-se a concepção equivocada de que o marxismo seja uma teoria de cunho exclusivamente branco e ocidental, compreensão esta desmentida pela atuação de João Alfredo.

No segundo capítulo, a preocupação está centrada em entender o colchão social que propiciou a atuação de João Alfredo. Aqui a preocupação se situa dentro do contexto socioeconômico e como esse contexto contribuiu na formação da consciência de classe Nego Fuba. Durante essa segunda parte a preocupação está ancorada na análise dos censos do IBGE, os filtros de análise desses dados estão concentrados no número populacional do município, assim como qual o perfil de heteroidentificação existente no município, assim como também o acesso a leitura por parte dos moradores da região. No terceiro momento, a partir de fontes coletadas em audiências públicas e do relatório final da Comissão Estadual da Verdade, realiza-se uma breve revisão sobre a vida e a atuação de João Alfredo. Este enfoque busca elucidar os desafios e as conquistas enfrentadas por ele em sua trajetória política e social, contribuindo para uma compreensão mais abrangente do seu legado e da sua influência no contexto histórico em questão.

A questão racial tem sido uma área de interesse dentro das correntes de pensamento de esquerda, revelando uma compreensão mais complexa e abrangente do fenômeno do racismo. Tal perspectiva encontra eco nas teorias marxistas, onde figuras proeminentes como Rosa Luxemburgo e Lenin contribuíram para uma análise mais profunda da relação entre raça, nacionalismo e colonialismo na formação do capitalismo. Embora reconheçamos as limitações

¹ Graduado em História pela Universidade Estadual da Paraíba, detentor de um mestrado em História pela Universidade Federal de Campina Grande e atualmente estou matriculado como aluno bolsista da CAPES no programa de doutorado em História Social na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

temporais e contextuais das obras originais, essas reflexões nos instigam a uma abordagem mais inclusiva e globalizada das questões de gênero, raça e opressões em geral, que vai além da simples manipulação econômica.

A ideia do racismo enquanto uma relação social composta por materialidade e historicidade é algo que já existia dentro da teoria marxista, os clássicos como: Rosa Luxemburgo² e Lenin³ já apontavam nesse sentido. O texto apresentado por Kevin Anderson, intitulado *Marx nas Margens*, onde o autor bebe dos textos traduzidos da Mega II⁴, Kevin Anderson demonstra o interesse de Marx em sociedades não ocidentais, tendo se dedicado a estudos que iam da Rússia, China, Índia, Pérsia e Argélia e trazem para quem ler esse texto, uma aula de um intelectual comprometido com debates que se colocam para além dos ocidentais, evidentemente que não pretendo cometer anacronismo, pois o debate sobre raça que temos hoje não é o mesmo feito por Marx no século XVIII, entretanto, a sua visão de extrapolar o ocidente, é uma proposta que nos leva a defesa de uma teoria para além do lugar comum eurocentrico, não se pode esquecer da célebre passagem do Marx ao se referir a luta travada pela população preta norte americana no livro I d'o capital: “O trabalho não pode se emancipar na pele branca onde na pele negra ele é marcado a ferro” (O Capital: Crítica da economia política, livro I: o processo de produção do capital, p.372, Karl Marx.)⁵

Importante perceber que o debate sobre raça no marxismo sempre foi uma discussão que findava em visões reducionistas e que sempre reproduzia uma vertente economicista, na relação entre infraestrutura e superestrutura. Portanto, temas como constituição das subjetividades, o papel das minorias na luta de classes, foi ampliado através de um discussão

² O texto de Hernán Ouviaña intitulado: “*Rosa Luxemburgo e a reinvenção da política*” publicado pela editora boitempo, aponta para o sentido das discussões feitas por Rosa em torno do debate de raça. Nos capítulos 6 e 7 intitulado: “*Mulheres, Povos Indígenas e Natureza na Reprodução da vida*” e “*Revitalizar o internacionalismo com base na diversidade*” do supracitado texto, onde pode ser visto uma discussão sobre o papel da revolucionária polonesa na construção de um marxismo para além do ocidente, transferindo a “barbárie” da periferia para o centro.

³ Em 1922 a segunda internacional comunista lança o documento “*Tese sobre a questão negra*”, é importante salientar que esse documento é uma influência direta da direção do Lenin e pela primeira vez os comunistas formulavam uma ação política sobre a questão do racismo. O documento é dividido em três eixos: I) a interpretação de que o racismo é visto como uma arma de divisão dos trabalhadores e de organização da burguesia; II) o racismo como mecanismo necessário para exploração de mais-valia dos trabalhadores; III) o racismo enquanto categoria central no processo de monopólio de violência estatal contra os trabalhadores e em especial trabalhadores negros. A discussão sobre a estratégia dos comunistas brasileiros e a questão racial pode ser observado no texto de Pedro Chadarevian: “*Raça, classe e revolução no Partido Comunista Brasileiro (1922-1964)*”.

⁴ Segundo Thomas Marxhausen em: “*História crítica das Obras completas de Marx e Engels (MEGA)*” a primeira mega foi iniciada na União Soviética na década de 1920 e a segunda mega teve os primeiros textos publicados em 1975 porém só teve continuidade no pós 1990. A tentativa da primeira mega era a proposta de divulgação da obra de Marx e Engels, segundo o autor a primeira mega teve um fim “trágico” no pós morte de Lenin e ascensão de Stalin reduzindo o marxismo a um genérico “marxismo-leninismo”. Já a segunda Mega continua publicando traduções e novos textos do Marx até os dias atuais e é justamente com o trabalho da Mega II que Kevin Anderson constrói o seu texto intitulado: ‘*Marx nas margens*’.

⁵ No Livro I do capital, Marx compreendendo a sociedade a partir da totalidade, se preocupa com o processo de produção do capital expondo a relação social e a contradição aguda entre o modo de produção capitalista que é a oposição entre capital e trabalho. Compreendendo o capitalismo como um sistema que se constitui através da alienação do trabalho e do trabalhador Marx tem um robusto trabalho e pioneiro para compreender o processo de produção do capital.

que o marxismo teve que fazer com as diversas áreas do conhecimento sejam elas a psicanálise, fenomenologia, estruturalismo e etc. Sabe-se que a guinada epistemológica ocorrida com o advento do pós-estruturalismo e do pós-modernismo fez com que muitos intelectuais que antes eram marxistas mudassem seus paradigmas de análises e colocando o marxismo como tema central de sua crítica. Entretanto muitos intelectuais trataram o racismo através da ótica e dos conceitos apresentados por Marx, por exemplo, nos Estados Unidos, vários são os nomes mas irei citar apenas dois: Oliver Cox e Angela Davis⁶, já no contexto de luta anticolonial, podemos cita o Amílcar Cabral e Frantz Fanon⁷, já no Brasil, tivemos vários intelectuais que se aproximaram do marxismo para entender a questão racial brasileira, destaco aqui Lélia Gonzalez que foi uma importante intelectual do feminismo marxista negro, porém para entender a figura de João Alfredo penso na escrita do Clóvis Moura⁸.

Esses autores partem da compreensão do materialismo histórico e dialético, onde a realidade é quem determina os pensamentos e não o pensamento que determina a realidade e que essa realidade está colocada dentro de uma totalidade. A realidade é a referência e os arranjos sociais que constroem e edificam esse prédio social apontam para o sentido de que a superação do racismo, só é possível através da superação da forma-mercadoria, por isso, que esses autores apontados no parágrafo anterior tentam fazer uma análise marxista da questão racial e a suas obras estão vinculada aos princípios da teoria marxista.

Evidentemente que na tentativa de construir uma análise que esteja vinculada ao marxismo e que compreenda a noção de classe como algo nuclear deste estudo, não posso,

⁶ Oliver Cromwell Cox foi um importante sociólogo de Trinidad e Tobago, viveu sua vida adulta nos Estados Unidos onde pôde viver a aurora do macarthismo. Foi um dos principais percussores da teoria do sistema-mundo, além disso fez uma crítica fundamental ao conceito de casta adotado pela Escola Sociológica de Chicago que importava um conceito da sociedade hindu para explicar as relações raciais no sul dos Estados Unidos, essa crítica marxista pode ser vista em sua obra: "*Caste, class and race: a study in social dynamics. (1948)*". Angela Davis é uma importante filósofa e militante marxista norte-americana nascida no Alabama e dona de uma vasta obra, talvez sua obra de maior impacto e repercussão mundial seja: "*Mulheres, Raça e Classe*" (2016). Atualmente cumpre um papel importante na propagação da teoria marxista e da luta contra o encarceramento em massa da população negra nos Estados Unidos.

⁷ Amílcar Lopes Cabral (1924-1973) foi um importante teórico marxista anticolonial nascido em Guiné-Bissau mudou-se para Cabo Verde ainda criança momento importante para a construção de sua subjetividade e conseqüentemente para a sua luta contra o colonialismo português, uma importante obra sobre o pensamento de Amílcar Cabral é o trabalho de Rolim e Vieira Cá: "Um conceito a construir: as forças produtivas no pensamento de amílcar cabral" (2021). A obra de Frantz Fanon é fruto de uma profunda reflexão das lutas anticoloniais por mais de quatro décadas, nascido em Martinica (ex-colônia francesa) estudou na França e se formou em psiquiatria mas foi na Argélia que sua atuação política tomou uma outra dimensão, suas principais obras são: "*Pele Negra, Máscaras Brancas e Os condenados da terra.*"

⁸ Clóvis Moura (1925-2003) foi um sociólogo, antropólogo, escritor e ativista brasileiro conhecido por suas contribuições para os estudos sobre a questão racial no Brasil. Ele nasceu em Amarante no estado do Piauí, na Bahia, e teve uma vida marcada pelo ativismo político e acadêmico. Moura foi uma figura importante no movimento negro brasileiro, dedicando-se a analisar e denunciar as estruturas de racismo e discriminação racial no país. Ele escreveu diversas obras que abordam temas como a formação da identidade negra, a história e a cultura afro-brasileira, as desigualdades sociais e o papel do negro na sociedade brasileira. Entre suas obras mais conhecidas estão "Sociologia do Negro Brasileiro" (1988), "Dialética Radical do Brasil Negro" (1997). Seu trabalho influenciou significativamente os estudos acadêmicos sobre a questão racial no Brasil e continua sendo uma referência importante para ativistas e pesquisadores interessados nas relações raciais no país.

fazer apenas uma narração dos fatos e dos acontecimentos da vida de Nego Fuba, é preciso, ir além e esse ir além, é compreender João Alfredo Dias como um homem que possuía uma classe, mas também possuía uma raça, portanto, como afirma Charles Post (2020)⁹ o método materialista histórico e dialético no qual esse trabalho está vinculado, não está desatrelado da tríade de classe, raça, gênero, já que esse marxismo não é daltônico e se preocupa com as questões que constituem o perfil dos e das trabalhadores do mundo todo.

Portanto, fazer um resgate histórico da vida de João Alfredo a partir da teoria marxista é compreender a história através de seus processos e lutas. É importante entender que o período em que João Alfredo tem atuação destacada acontece quase 60 anos depois da abolição da escravatura. Entretanto é de notório saber de que os lastros de 389 anos de escravidão se pulverizaram pelas relações de trabalho no campo brasileiro. Sabemos que a escravidão é fruto da consequência dos interesses da expansão comercial de um capitalismo que se iniciava aquilo que ficou conhecido enquanto mercantilismo. O trabalho escravo também foi fundamental na continuação do desenvolvimento do capitalismo, portanto, a escravidão foi uma das principais caldeiras de combustão para o desenvolvimento pleno do capitalismo. Entretanto, a crise do escravismo, remodelou a economia brasileira que havia saído da colônia para monarquia, mas que tinha mantido a suas relações de trabalho, baseada no trabalho compulsório de maneira intacta, a transição para o trabalho livre segundo Moura gera um processo *“complexo e ao mesmo tempo contraditório da passagem da escravidão para o trabalho livre, o negro é logrado socialmente e apresentado, sistematicamente, como sendo incapaz de trabalhar como assalariado”*¹⁰.

Pode-se perceber na obra de Clóvis Moura é que a história da população preta e parda é necessariamente a história dos trabalhadores e trabalhadoras brasileiros (as). Isso porque diante dessa realidade imposta, o trabalho escravo, conseqüentemente o trabalho manual passa a ser considerado infame e somente praticável por escravos. Importante afirmar que a relação de trabalho na qual Nego Fuba defendia a superação, era uma relação de trabalho que não reproduzisse os 500 anos de latifúndio de exploração que o país viveu. Seguindo Costa (2010)¹¹ o trabalho escravo negro foi em algumas regiões a mão de obra exclusiva desde os primórdios da colônia, durante todo esse período, a história do trabalho é sobretudo a história

⁹ Charles Post atualmente é professor de sociologia da Borough of Manhattan Community College e também no Graduate Center vinculada a City University of New York. Atualmente é membro do conselho editorial da revista Spectre: A marxist Journal. O seu texto traduzido para o português intitulado: “marxismo e opressão racial: por uma teoria unificada” pode ser lido na Revista Marx e o Marxismo, v.10, n19, lançada no ano de 2022.

¹⁰ Analisando o censo agrícola de 1960 do município de Mari, Clyvia (2019) em: *“A Tragédia de Mari: Resistência camponesa no município de Mari-PB em 1964”*. Chega a uma conclusão interessante, isso porque a realidade do município de Mari se assemelhava muito a realidade sapeense. As principais formas de trabalho existentes na região eram arrendamento, parcerias, foro e trabalho assalariado. Evidentemente que o que caracteriza o trabalho escravo é o trabalho não remunerado, apesar de existir o trabalho assalariado na região, esse por via de regra não era comum. Portanto, é inegável perceber a influência dos 389 anos de escravidão na história do trabalho brasileiro.

¹¹ Costa, E. V. (2010). **Da senzala à colônia**. São Paulo: Editora UNESP.

do escravo.

O que Clóvis Moura aponta é que diante do fim da escravidão o povo preto brasileiro teve que se organizar em novos grupos ou em grupos existentes. Aqui não pretendo cometer anacronismos, até porque, o quilombo é o quilombo e as ligas camponesas são as ligas camponesas, entretanto, as relações de trabalho e os motivos pelos quais os trabalhadores camponeses se levantaram contra a secular opressão do latifúndio tem bases no capitalismo brasileiro que tem suas características peculiares¹². Por isso, acredito que para entender a atuação de Nego Fuba, se faz necessário um diálogo com a contribuição teórica mouriana no sentido da categorização de escravismo tardio, construída por ele no seu clássico trabalho intitulado a *Dialética Radical do Brasil Negro* (1994) onde partindo de uma análise sobre a formação do Brasil, o autor se dedica a entender o Brasil Colônia através do papel que o empreendimento comercial de extração de recursos ajuda no processo de acumulação primitiva do capital europeu que é constituído a partir de uma dinâmica própria dos empreendimentos de acumulação capitalista, edificando assim uma sociedade entre escravizados e senhores. Diante dessa realidade impositiva, coube ao povo preto durante a história do Brasil, se organiza e se manter-se em um estado permanente de revolta, aquilo que ele viria chamar de “quilombagem”.

Entretanto, as mudanças ocorridas na transferência do trabalho escravo para a categoria de trabalho assalariado, colocou em xeque a estrutura econômica do Brasil que funcionava basicamente a partir da mão de obra preta escravizada. As mudanças externas e internas na configuração do capital internacional trouxeram para o Brasil uma nova perspectiva para exploração da força de trabalho, isso significa dizer que a pressão para a transição do trabalho escravo para o trabalho assalariado foi imensa e a elite local que atuava em território nacional teve que ceder. Por isso que não é demais lembrar que boa parte dos abolicionistas brasileiros eram homens brancos de classe média que queriam acabar com a escravidão mas não tinham um projeto efetivo para o pós-abolição, o escravismo tardio, construído por Clóvis Moura é noção fundamental para entender a trajetória de luta de João Alfredo (Nego Fuba), isso porque, na transição para o trabalho livre a sociedade brasileira ficou mais complexa tanto no quesito do mundos do trabalho, quanto na questão que se coloca em torno do debate racial brasileiro, no que tange a “democracia racial” tendo em vista que a organização de um pensamento social branco, inviabilizou e camuflou o racismo brasileiro que adentrou dentro da classe trabalhadora. Isso fez segundo Clóvis Moura, o negro brasileiro ter um outro papel dentro do processo revolucionário, pois diante de uma sociedade classista e racista coube ao negro brasileiro

¹² Aqui não pretendo reproduzir a teoria do PCB da década de 1960 que enfatizava na superação do modelo “feudal” do capitalismo brasileiro para a construção do Socialismo. Aqui pretendo pensar a realidade do capitalismo brasileiro mais próximo daquilo apontado por Francisco de Oliveira em a: *Crítica a razão dualista* onde aponta que o capitalismo brasileiro se assemelha a um “ornitorrinco” partindo de um pressuposto de desenvolvimento desigual e combinado.

quebrar o ideal de democracia racial e apontar para um sentido de um horizonte que questione os padrões de raça e classe.

Segundo Moura, diante desses processos, a população negra no Brasil sempre se organizou em novos grupos ou se envolveu em grupos já existentes no intuito de se preservar, manter sua cultura, tentar encontrar momentos de lazer entre os pequenos períodos de descanso e resistir ao regime de opressão durante a escravidão. Na sociedade pós-abolição, diante da sociedade competitiva e da marginalização a que a população negra foi exposta deliberadamente, coube ao negro, novamente se organizar em espaços e grupos. No pós-abolição, para Moura (1994) diante da marginalização na qual a população preta foi jogada, coube ao preto brasileiro se organizar em espaços e grupos: *“Podemos dizer, por isso, [...] que o negro brasileiro, tanto durante a escravidão como posteriormente organizou-se de diversas formas, no sentido de se auto preservar tanto na situação de escravo como de elemento marginal após o 13 de maio”*. E ainda vai além, quando afirma que a organização do povo preto foi substancial para a sua existência, a necessidade de se organizar coletivamente para poder sobreviver *“o negro somente poderá sobreviver socialmente e culturalmente sem se marginalizar totalmente, agrupando-se.”*

Originário da região de Sapé, especificamente de uma localidade conhecida como "Taboca", João Alfredo despontava como mais um indivíduo mergulhado nas dinâmicas da luta popular, enxergando nela não apenas um mero movimento, mas sim uma plataforma para a edificação de uma sociedade renovada e mais justa. A história da sua família se entrelaçava intimamente com as terras arrendadas dos Ribeiro Coutinho, uma conexão que se estendia por gerações, abrangendo um período de mais de um século. Essa mesma região serviu como cenário vital para o desenvolvimento da identidade e da trajetória de sua família ao longo do tempo, marcando suas vidas com um profundo sentido de pertencimento e compromisso com as questões locais e sociais.

2. Sapé: a cabeça pensa onde os pés pisam

Sapé é um município situado no Estado da Paraíba, tem uma história rica que remonta ao período pré-colonial, quando era habitado pelos índios potiguares. A região era coberta por matas exuberantes que infelizmente, foram vítimas da devastação resultante da instalação dos primeiros engenhos na área. A origem do nome “Sapé”¹³ está relacionada à abundância de um tipo de capim na região, conhecido pelos indígenas como “eçape”. Esse capim, além de ser abundante, possuía a característica de iluminar o caminho, conferindo uma atmosfera peculiar à

¹³ As informações referentes ao município de Sapé foram extraídas da pesquisa realizada por Juraci Marques Ferreira, intitulada "O Processo Histórico de Sapé (1757-2012)". No âmbito desta obra, o autor desenvolve sua análise com base em documentos e fotografias, proporcionando uma valiosa contribuição para a historiografia local. A abordagem meticulosa de Ferreira enriquece o entendimento do município, destacando-se como uma fonte fundamental para a compreensão do desenvolvimento histórico da região.

região. Ao longo dos anos, Sapé passou por transformações e se desenvolveu, consolidando-se como um município com uma diversidade cultural e histórica notável. Sua fundação está intrinsecamente ligada à exploração dos recursos naturais e à chegada da ferrovia, deixando como consequência o povoamento progressivo da região.

Uma realidade que no século 20 pôde ser sentida a partir da concentração fundiária, uma maior densidade populacional no mundo rural e índices alarmantes de analfabetismo. Na segunda metade do século 20 tiveram iniciativas importantes de campanhas de educação popular, como é o caso da CEPLAR. A realidade sapeense no censo de 1960 é de que apenas 16% da população sabia ler, um número estarrecedor mas que seguia a média estadual. A estrutura agrária, concentradora de terra e os mandos e desmandos do grupo da várzea serão abordados a luz da figura histórica e revolucionária de João Alfredo. Aqui a preocupação central é justamente entender o colchão social onde se forjou a consciência e ação de João Alfredo.

POPULAÇÃO DE SAPÉ DE ACORDO COM O CENSO DE 1940

Município	População	Masculino	Feminino
Sapé	39320	19007	20213
Sapé	28959	14040	14919
Araçá	10361	5067	5294

Fonte: censo IBGE 1940 (elaboração do autor)

POPULAÇÃO SAPÉ URBANO/SUBURBANO/RURAL 1940

Urbano	Suburbano	Rural
Homens:3017	Homens: 247	Homens: 15843
Mulheres: 3601	Mulheres: 293	Mulheres: 16319
Total: 6618	Total: 540	Total: 32162

Fonte: censo IBGE 1940 (elaboração do autor)

Durante a década de 1940¹⁴, Sapé abrigava uma população significativa de aproximadamente 39.320 habitantes. Este contingente populacional, distribuído entre homens e mulheres, revelava uma pequena disparidade de gênero, com cerca de 19.007 homens e 20.213 mulheres registrados nos registros da época. No entanto, um fato de relevância histórica é que Mari, hoje um município independente, ainda não possuía tal status naquele período, sendo considerado um distrito de Sapé e designado pelo IBGE com o nome de Araçá. Um dos aspectos que chama atenção da demografia sapeense é a predominância da população rural em detrimento da população urbana ou suburbana. Isso porque 81,80% dos habitantes eram moradores de áreas rurais, enquanto que apenas 16,83 viviam em zonas urbana, enquanto que 1,4% moravam em região suburbana. Esse mapeamento evidencia a importância da agricultura e das atividades relacionadas ao trabalho rural naquele período na região. Essas gradações na distribuição demográfica de Sapé na década de 1940/50 e 60 podem ser interpretadas à luz do contexto histórico e econômico da época, onde a concentração fundiária era a lei e a desigualdade era a regra.

A QUESTÃO RACIAL EM SAPÉ

Branços	Pretos	Pardos
Homens: 9.197	Homens: 2.233	Homens: 7.665
Mulheres: 9.800	Mulheres: 2.373	Mulheres: 8.050
Total: 18.997	Total: 4.606	Total: 15.715

Fonte: IBGE 1940 (elaboração do autor)

A QUESTÃO RACIAL EM SAPÉ - 1950

Branços	Pretos	Pardos
Homens: 10.026	Homens: 1.235	Homens: 11.856

¹⁴ As informações referentes ao censo de 1940 foram obtidas diretamente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), disponíveis no seguinte link: < <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=765&view=detalhes> >. O acesso a essa fonte confiável proporciona dados precisos e fundamenta a análise demográfica realizada neste contexto.

Mulheres: 11.066	Mulheres: 1.166	Mulheres: 11.851
Total: 21.092	Total: 2.401	Total: 23.707

Fonte: IBGE – 1950 (elaboração do autor)¹⁵

Entre 1940 e 1960 o que se pode perceber é um aumento populacional no município, esse aumento populacional é sentido também em um contexto macro, pois a realidade sapeense segue uma tendência nacional de aumento populacional. Dentro desse cenário, o que pude perceber analisando os censos sobre a questão racial do município é de que a maior parte da população da região era preta ou parda. Esse padrão reflete a demografia nacional onde o número de pretos e pardos é superior ao número de brancos. O censo de 1940 mostra que a quantidade de indivíduos identificados como pretos e pardos totalizava 20.321 enquanto que a população branca era de 18.993. Esse número predominante de pretos e pardos no recorte do município de Sapé é um reflexo da estruturação da sociedade brasileira. O número de pretos e pardos mostram também que não se faz história do trabalho brasileiro sem pensar o recorte racial e social desses trabalhadores, por isso insisto na necessidade de se compreender qual o perfil desses trabalhadores que falamos.

No que diz respeito ao acesso a um processo educacional digno, o que se pode verificar na década de 1940 que este acesso se revelou significativamente restrito. A limitação a esse acesso ocorre dentro de um contexto de desigualdade educacional e índices de analfabetismo alarmantes. Vale o destaque que nesse contexto só tinha direito a voto quem soubesse ler e escrever, o que resultava em uma baixa participação popular nos processos eleitorais. Segundo o censo do IBGE, constata-se que na década de 1940 apenas 9,4 % da população detinha o “privilégio” do voto. Isso significa dizer que em um universo populacional de 39.319 indivíduos, apenas 3.730 pessoas possuíam habilidade de leitura e escrita. Ao pensar essa realidade o que pode ser visto é que esse índice baixo no número de alfabetizados se transforma em um caldo político e social que irá refletir nas atuações de movimento de educação popular na década de 1950, principalmente a CEPLAR.

No entanto, é crucial desenvolver o contexto que propicia o número reduzido de indivíduos alfabetizados. Esta necessidade surge a partir da constatação de que, de acordo com os dados censitários de 1950, a região onde está situado o município de Sapé, denominada Zona do Agreste e Caatinga Litorânea, abrigava uma população de aproximadamente 296.529

¹⁵ Os dados apresentados nas duas tabelas estão disponíveis para consulta no site oficial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Tanto os dados referentes ao ano de 1940 quanto os do ano de 1950 podem ser acessados diretamente nos links pertinentes: para o censo de 1940, acesse: < <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=765&view=detalhes> > , e para o censo de 1950, utilize o link < <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?acervo=todos&campo=todos&digital=false&texto=SAP%C3%89-PB> > . Essa fonte oficial do IBGE assegura a confiabilidade e a precisão dos dados apresentados.

mil habitantes, com Sapé representando 15% do total dessa população regional. Não se trata então de um universo pequeno dentro da região e com uma importante relevância na produção local de cana-de-açúcar.

ACESSO A LEITURA DE ACORDO COM O CENSO 1940/1950/1960¹⁶

Anos: 1930-1940	Anos: 1940-1950	Anos: 1950-1960
População: 39.319 pessoas	População: 47.259	População: 48.202
Sabiam ler: 3.730 pessoas	Sabiam ler: 5.089	Sabiam ler: 8.048
Porcentagem: 9,4%	Porcentagem: 10,77%	Porcentagem: 16,7%

Fonte: IBGE 1930-1960 (elaboração do autor)

Ao examinar a década subsequente, observamos que a população do estado da Paraíba atingiu um contingente de 1.677.167 milhões de habitantes. No entanto, apenas 556.186-mil pessoas dentre esse universo demonstraram habilidades de leitura e, portanto, eram elegíveis para o exercício do voto. Isso implica que apenas 33% da população paraibana possuía o direito de participar do processo eleitoral no contexto estudado. Alarantemente, cerca de 84,3% da população local de Sapé não tinha competência formal de leitura e, por conseguinte, estava excluída das decisões relativas aos destinos da esfera política, tanto no âmbito municipal quanto estadual.

3. João Alfredo: Vida e Obra

“Um homem moreno, de baixa estatura, calmo, dono de uma inteligência espantosa, grande poder de argumentação e extremamente dedicado à política e aos pobres... Aprendeu a ler nos jornais e em pouco tempo estava lendo tudo, entendia de muitos assuntos”¹⁷

João Alfredo Dias do Nascimento, mais conhecido como Nego Fuba, nasceu em 23 de junho de 1933. Ele desempenhou diversos papéis ao longo de sua vida, incluindo o ofício de sapateiro, trabalhou como servente no Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência (SAMDU) e, posteriormente, como enfermeiro. Embora se identificasse como um homem de religião protestante, João Alfredo Ulisses¹⁸ um camponês que morava em uma propriedade que

¹⁶ Os dados recolhidos para a elaboração da tabela sobre a porcentagem de pessoas que sabiam ler no município de Sapé entre 1940 e 1960 podem ser vistos nos censos. Esses censos podem ser acessados através dos links a seguir: < https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/65/cd_1940_p8_pb.pdf ; https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/67/cd_1950_v16_t1_pb.pdf ; https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/68/cd_1960_v1_t5_rm_pb.pdf > .

¹⁷ (José Alfredo (irmão de Nego Fuba) ao Jornal *O Norte*, 26 de Agosto de 1995)

¹⁸ O pai de João Alfredo, Ulisses, era foreiro e trabalhava nas terras de propriedade de Renato Ribeiro Coutinho, na Usina Santa Helena, em uma região que se chamava “Taboca”, o avó de João Alfredo viveu naquelas terras e

pertencia a Renato Ribeiro Coutinho¹⁹ ganhou destaque como orador da Liga Camponesa de Sapé. Sendo filho de Alfredo, trabalhador da Usina Santa Helena, e de Amélia Gonçalves Dias, uma camponesa. Nego Fuba cresceu em meio a um contexto de concentração fundiária que limitava as oportunidades de subsistência e dignidade para os camponeses da região.

O ambiente familiar de João Alfredo foi marcado pela violência, com seu pai sendo descrito como uma figura que frequentemente agredia sua mãe. Esta violência doméstica, embora lamentável, era comum na região do Nordeste durante o período mencionado. Diante dessa situação, a resposta de João Alfredo foi sair do sítio onde morava com seus pais e mudar-se para um quarto no município de Sapé, onde no futuro viria a ser sua sapataria que também servia como uma espécie de “célula” da Liga Camponesa do município. Após a morte da sua mãe por problemas de saúde ele assumiu a responsabilidade do cuidado da sua irmã mais nova, onde em depoimento detalhado à Comissão Estadual da Verdade, Marina Dias ²⁰ revela os motivos que fizeram João Alfredo cuidar dela (como o racismo de sua madrasta), além de falar também da violência racial que sofreu após a prisão de João Alfredo. Essa última situação fez Marina se mudar de Sapé para trabalhar como empregada doméstica no Rio de Janeiro, onde viveu até o fim de sua vida.

Vale o destaque de que Nego Fuba²¹ já era bastante conhecido na região, isso porque em fevereiro de 1958, junto de Pedro Fazendeiro e João Pedro Teixeira criaram a Liga

segundo Marina Dias na sua oitava na Comissão Estadual da Verdade no período de atuação política de João Alfredo, o seu avô estava próximo de completar 100 anos ou seja, provavelmente era alguém que tinha vivido uma parte de sua vida enquanto escravo. Marina, afirma que depois que Renato Ribeiro Coutinho ficou sabendo que Ulisses era pai de João Alfredo despediu o seu pai e ele saiu sem direito a nada.

¹⁹ De acordo com a leitura de Monteiro (2014), em *A política como negócio de família: os herdeiros e a força dos capitais no jogo político das elites da Paraíba (1985-2015)*. no sertão, as famílias "Mariz", "Nóbrega", "Mota", "Gadelha" e "Pires" eram as proeminentes, enquanto no Cariri destacavam-se as famílias "Gaudêncio" e "Brito". Na região da Borborema, especialmente em Campina Grande, predominavam os sobrenomes "Figueiredo-Vital-Rêgo", enquanto no brejo, as famílias "Targino", "Lucena", "Bezerra" e "Cunha Lima" exerciam sua influência. Por fim, no litoral, as famílias Ribeiro Coutinho, Velloso Borges e Ludgreen se destacavam.

²⁰ Em depoimento rico de detalhes históricos à Comissão Estadual da Verdade, Marina Alfredo (irmã de João Alfredo) conta histórias da vida de João e também o quanto sofreu por ser irmã de Nego Fuba, atrelado a isso a violência racial foi uma constante na vida dela, já que depois da prisão e assassinato de Fuba, Marina passou a ser ridicularizada por uma parte da população, o sofrimento foi tanto que ela teve que se mudar para o Rio de Janeiro onde viveu até o fim da sua vida.

²¹ Carta encontrada pela comissão estadual da verdade que conta parte da militância de Fuba: “Nasci na cidade de Sapé, Estado da Paraíba, em 24 de julho de 1932. Grau de instrução: simplesmente elementar (3º ano). A primeira profissão que exerci foi ajudando meus pais no campo, comecei com a idade de 10 anos e atualmente exerço a profissão de sapateiro, numa pequena sapataria no município de Sapé - Paraíba. Antes de entrar para o partido, a luta que participei foi na campanha eleitoral de 1945. Tomei o primeiro contato com a literatura marxista e com os membros do Partido na campanha eleitoral de 1945. Estive como simpatizante por 2 anos. Fui recrutado para o P. em 1947, através da minha participação na propaganda do P. nas eleições e na distribuição da Imprensa Popular. Logo que entrei para o P. passei a atuar na célula. Participei de uma luta camponesa de maneira restrita e cequitária, participei de uma grande passeata pela melhoria da energia elétrica nela tomei uma posição de um revolucionário. Nunca estive desligado do P. as vezes tenho manifestado tendências cequitária. Nunca passei para o curso. Já estive preso três vezes e fui submetido a tortura, nenhuma vez nunca estive processado. Se for preso tomarei a posição de um verdadeiro comunista guiado pelo exemplo de Prestes e de seus companheiros. As minhas aptidões nas atividades do P. é propaganda e Imprensa. Tenho tido preocupação em elevar o meu nível político e ideológico através da leitura da matéria do Partido. Sou solteiro. Ocupo atualmente o cargo de secretário do C. D. de Sapé-PB. Nome próprio: João Alfredo Dias – nome de guerra: Walfredo. Pessoas que me conhecem no Partido: Manuel Barbosa – João Pedro – Anatasio Assunção – Manuel Carlos Fernandes – Manuel Porfirio da Fonseca Freire (conhecido por Ramon) e José Cavalcanti.” (Comissão Estadual da Verdade)”.

Camponesa de Sapé. As primeiras reuniões aconteciam na sapataria de Nego Fuba, fazendo com que o sapateiro tivesse o reconhecimento das pessoas da região, isso porque Nego Fuba exercia o papel de orador e seus discursos eram mobilizadores e enérgicos. Na fundação da Liga Camponesa de Sapé, Nego Fuba é escolhido enquanto orador da Liga, João Pedro é eleito o vice-presidente, Pedro Fazendeiro o primeiro secretário e Severino José da Silva, segundo secretário, Walter Acioly tesoureiro e Severino Alves Barbosa enquanto presidente.

É importante salientar que durante a década de 1950, reinava no campo paraibano aquilo que ficou conhecido na historiografia local de “silêncio agrário” ou “paz agrária”. Até fins da década de 50, nos campos paraibanos, vigorava o silêncio agrário traduzido como a tranquilidade dos coronéis, protegidos pelo aparato repressivo do Estado e por seus vigias e jagunços. Segundo Benevides²² (1985):

Não permitiam nem em pensamento que se falasse em organização dos camponeses. [...] O campesinato despertou com força total e conseguiu, pela primeira vez, questionar o monopólio da terra e o poder vitalício das oligarquias rurais. [...] As Ligas levaram ao conhecimento das autoridades da Capital abusos e arbitrariedades que aconteciam, sistematicamente, nas usinas, fazendas e engenhos, pleiteando justiça e direitos. [...] Os proprietários viam agora seus sagrados nomes de família arrolados nos Anais da Justiça e denunciados na Assembleia Legislativa, na imprensa e na Câmara dos Deputados.

O surgimento das Ligas Camponesas na Paraíba ocorreu em um contexto histórico permeado pela violência dos coronéis e pela concentração de terras, fatores que exerciam uma influência significativa na vida da população local. Diferenças organizacionais entre as ligas, como observado entre a Liga de Galiléia a Liga de Sapé, eram evidentes, embora ambas refletissem o debate interno entre os Julianistas e os Comunistas do PCB, conforme documentado pela Comissão Estadual da Verdade da Paraíba. Personalidades proeminentes, como Antonio Dantas, Elizabeth Teixeira e Padre Alípio de Freitas, associadas à ala "julianista", participaram das ligas paraibanas. No entanto, devido à influência do Partido Comunista Brasileiro (PCB) na região, as Ligas Camponesas na Paraíba tendiam a adotar uma abordagem mais alinhada à tese de "sindicalização no campo" defendida pelo PCB.

Embora houvesse membros filiados ao PCB na direção da Associação, destaca-se o convite feito a Severino Alves Barbosa, um pequeno proprietário de terras, exemplificando a diversidade de filiações na liderança. A chegada de João Pedro de Pernambuco a Sapé foi um marco importante, dada sua experiência sindical prévia como presidente do Sindicato dos Operários da Pedreira de Jaboatão, contribuindo para a construção do movimento na região. Entre 1958, ano da fundação da Liga de Sapé e 1964, ano do assassinato de João Alfredo pelas autoridades militares, sua vida e liderança sofreram uma transformação significativa. Uma

²² Benevides, C. *Camponeses em marcha*. O trabalho de Cezar Benevides se coloca como um dos principais trabalhos sobre a questão das ligas no nordeste em especial no município de Sapé, aprofunda sobre as relações no campo e entende a atuação do “Grupo da Várzea” de maneira sublime. Outro fato importante da contribuição de Benevides é no sentido de que o seu trabalho é publicado no ano em que o regime militar se finda. O seu trabalho ainda chegou a ser investigado pelo DOPS, isso pode ser comprovado acessado o acervo do Arquivo Nacional.

mudança crucial foi quando começa a trabalhar no SAMDU na função de servente, logo depois ele fez uma mudança para a enfermagem, marcada pela conclusão de um curso na área ministrado por Jota Barros, que o capacitou em técnicas de primeiros socorros e cuidados de saúde. Sua contratação como enfermeiro pelo Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência (SAMDU)²³ ampliou sua influência e impacto na comunidade, isso porque neste novo trabalho passava a ter um outro tipo de contato com a população, já que o SAMDU tinha uma capilaridade gigantesca no seio da vida do trabalhador rural, para se ter noção do quanto levava o seu trabalho no SAMDU a sério, João chegou a morar em um quarto dos fundos do posto do SAMDU²⁴.

Durante o relato de sua irmã, é possível discernir que João Alfredo realizou viagens para Cuba, União Soviética, Tchecoslováquia e China entre 1961 e 1963. Essa incursão internacional evidencia João Alfredo como uma figura de destaque que despertava a atenção tanto do latifúndio quanto das forças militares. Os relatórios do Inquérito Policial Militar (IPM) sugerem que, durante essas visitas, ele teria participado de cursos relacionados à guerrilha o que não pôde ser comprovado. Na oitiva de Marina, destaca-se que entre 1960 e 1964 os militares realizaram duas incursões à residência dela em busca de armamentos. No entanto, em ambas as ocasiões, nenhum armamento foi encontrado, os militares sempre alegavam que João Alfredo escondia armas em casa, o que nunca pôde ser comprovado. Esses eventos contribuem para a complexa narrativa em torno da figura de João Alfredo, inserindo-o em um contexto de de perseguição política que marca o período que antecede a ditadura militar.

As viagens de João Alfredo para países comunistas durante um período de forte e intensa luta de classes, mostram suas afinidades políticas e isso custou sua vida. Nos relatórios do DOPS a acusação contra Nego Fuba era justamente de que ele estava a serviço do movimento comunista internacional, isso porque ele durante a década de 1960 visitou Cuba, União Soviética, China e Tchecoslováquia. Além disso, a sua casa era constantemente invadida por militares entre 1961-1963 e a desculpa era que existiam a armas que ele havia trazido desses países comunistas com intuito de construir uma revolução no Brasil. Além disso, a busca infrutífera por armas em sua residência, conforme testemunhado por Marina, lança luz sobre as tensões e o clima de repressão política que permeava aquele período histórico no Brasil. A

²³ Segundo Edgar Costa em: “Produção de cartilha educacional acerca de cuidados com pacientes pediátricos do serviço de atenção domiciliar”: “surgiu a demanda pela criação de serviços organizados para prestar cuidados domiciliares, e teve seu primórdio, neste país, em 1949, exemplificado pela implementação do Serviço de Assistência Domiciliar de Urgência (SAMDU), inicialmente vinculado ao Ministério do Trabalho, com posterior evolução ao Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), no final da década de 1960. (Feuerwerker; Mehry, 2008). Posteriormente, estes serviços se multiplicaram, chegando ao seu ápice na década de 1990, quando se observou a necessidade de regulamentação e incorporação ao Sistema Único de Saúde (SUS) (BRASIL, 2013).”

²⁴ Segundo o relatório final da CEV-PB do SAMDU de sapé foram investigados pelo IPM o médico Alceu Colaço, Deslomar Domingos Mendonça, Pedro Fazendeiro e Vicente Edimundo Rocco. Tirando Pedro Fazendeiro, todos os outros eram médicos do SAMDU.

recorrência dessas incursões sugere uma vigilância constante sobre João Alfredo e seus associados, demonstrando o escrutínio a que estavam sujeitos aqueles que se destacavam por suas atividades políticas ou sociais consideradas subversivas. Portanto, as informações apresentadas apontam para uma análise mais ampla e aprofundada do papel de João Alfredo no contexto político e social da época, destacando sua influência e repercussão em meio a um cenário marcado pela luta de ideias e pela repressão estatal.

O intenso debate em prol das reformas e da organização popular exercia profunda influência na vida política, econômica e social do município de Sapé. Diante desse contexto, após a morte de João Pedro em 1962, a mobilização dos camponeses se intensificou, e as eleições municipais de 1963 se tornaram um verdadeiro termômetro da agitação social que permeava o país. Nesse sentido, compartilho da análise de Dreifuss (1987), que observa: "*O veredicto das urnas mostrava que a população brasileira, quando consultada, apoiava uma combinação de reformas populares sociais, de desenvolvimento nacionalista e de austeridade e eficiência administrativas.*". Um exemplo emblemático desse fenômeno é o mapa eleitoral para vereador do município de Sapé. Dos 24 candidatos, 12 eram do PSD e 12 da UDN. Dos 5.597 votos totais, 3.208 foram para a UDN e 2.307 para o PSD. O mais interessante é perceber que o quarto vereador mais votado do município foi João Alfredo, candidato pela legenda partidária do PSD obtendo 400 votos, representando 7,43% do total. Para contextualizar, o candidato mais votado, Pedro de Sousa Coutinho, apoiado pelo latifúndio, conquistou 450 votos.

Esses resultados eleitorais revelam o apoio significativo que figuras como João Alfredo, representante de um espectro mais à esquerda, podiam angariar. O fato de um candidato como Nego Fuba, com uma plataforma política de esquerda ter obtido uma boa porcentagem dos votos para vereador mesmo com as forças opostas representadas pelos candidatos do latifúndio, mostra o contexto histórico que empurrava trabalhadores comuns na busca por transformação e mudança da realidade desigual em um momento único da história brasileira. Por isso que nesse contexto, vale considerar não apenas os resultados quantitativos da eleição, mas é preciso de antemão entender o significado simbólico e político dessa vitória. A eleição de João Alfredo como o quarto vereador mais votado, mesmo diante de oposição poderosa que utilizava da violência a regra, sinaliza a força e a resistência dos movimentos populares e das aspirações por justiça social e transformação social em um período de profunda transformação política no Brasil.

As páginas da história brasileira evidenciam que o mandato de João Alfredo não pôde ser cumprido, isso porque ele foi cassado com o golpe empresarial militar de 1964, evento esse que aconteceu dois meses depois da sua posse em Janeiro de 1964. O contexto político marcado pela efetivação do "anticomunismo" com uma retórica vazia e abjeta foi utilizada

pelos golpistas para legitimar suas ações. Nego Fuba tornou-se um mártir não apenas devido a sua luta contra o latifúndio, mas também devido ao seu papel como um importante líder e mobilizador popular que servia como referência para muitos dos seus companheiros e companheiras de vida. A sua significativa e expressiva votação nas eleições de 1963 mostravam que João, tinha um forte apoio popular por parte dos trabalhadores rurais, que estavam engajados na defesa dos seus direitos. A cassação do mandato de João Alfredo refletia a fragilidade das instituições democráticas brasileiras, além de evidenciar a maneira pelo qual o discurso anticomunista foi instrumentalizado para justificar medidas antidemocráticas e repressivas. Nesse cenário, essa justificativa ideológica foi frequentemente empregada para justificar uma variedade de abusos de poder. Em nota de rodapé reproduzo uma transcrição do documento oficial²⁵ que formalizou a cassação do mandato de João Alfredo.

A fatídica noite que se estendeu por duas décadas revelou-se fatal para João Alfredo. Apesar de ter conseguido escapar do cerco militar, refugiando-se em um sítio localizado no município de Guarabira, propriedade de Dr. Alceu, um médico associado ao Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência (SAMDU), sua liberdade foi de curta duração. Ao utilizar uma ambulância como meio de fuga, Alfredo foi interceptado por um comboio militar durante sua tentativa de evasão. Os médicos presentes na ambulância conseguiram dissuadir a intervenção militar ao afirmarem que o paciente transportado era uma mulher grávida prestes a dar à luz²⁶. Esse relato, narrado por Marina Dias durante seu depoimento à Comissão Estadual da Verdade, no entanto, a sorte de Alfredo viria a se esgotar dois dias depois, quando foi capturado pelas forças militares.

Após ser conduzido ao 15º Regimento de Infantaria do Exército, localizado na cidade de João Pessoa, João Alfredo foi submetido a um regime de incomunicabilidade que perdurou por dois meses, conforme atestado no relatório emitido pela Comissão Estadual da Verdade. O prolongado período de isolamento imposto a Alfredo gerou significativa angústia em sua irmã, que temia pelas possíveis consequências adversas. Quando, após esse doloroso intervalo, finalmente foi autorizada uma visita a João Alfredo, Marina pôde observar claros sinais de

²⁵ Documento que cassa o mandato de João Alfredo: Câmara Municipal de Sapé Projeto de resolução nº__ Cassa mandatos de vereador e dá outras providências. Considerando que o vereador João Alfredo Dias, eleito pela legenda do Partido Socialista Brasileiro, defendendo ideologias contrárias ao regime federativo por que se rege a nação brasileira, estando implicado no movimento subversivo que tentava implantar o comunismo no território nacional, o que foi evitado pela patriótica ação das forças armadas e dos governadores que se mantiveram fiéis à legalidade constitucional. Considerando que esse ato constitui procedimento incompatível com o decoro da casa legislativa a que o mesmo pertence, pois não pode admitir que um vereador pede pela implantação de um regime contraditório ao que estabelece a constituição federal do país. Considerando que a comissão da constituição estadual e das leis ordinárias do Estado e do município, relativamente a perda do mandato por incompatibilidade ao decoro parlamentar, a que se há de aplicar o disposto artigo 48, parágrafo 2º da carta política constitucional do Brasil, lei maior que nos rege. Resolve: Art. 1º - Fica cassado o mandato do vereador sr. João Alfredo Dias, por ter o mesmo desrespeitado o artigo 48, parágrafo 2º da constituição federal. Manoel Coutinho Madruga – presidente Natanael Irineu da Silva – primeiro secretário Este documento foi retirado da página 543 do relatório final da Comissão Estadual da Verdade que pode ser acessado através do link < https://www.cev.pb.gov.br/relatorio-final/cev-pb_relatorio-final.pdf >.

²⁶ Esse relato, é contado por Marina Dias na sua oitava a Comissão Estadual da Verdade e pode ser acessado através do seguinte link: < <https://www.youtube.com/watch?v=QOYyn1KU8rk&t=4808s> >

deterioração física, incluindo inchaço corporal, indícios que sugerem a possibilidade de ter sido submetido a maus-tratos enquanto estava sob custódia militar. Apesar de ter sido temporariamente libertado cerca de 20 dias após a primeira visita de sua irmã, João Alfredo foi novamente detido após 15 dias solto, especificamente no mês de julho, e desta vez para nunca mais retornar.

Apesar dos apelos da família para que, ao ser solto, deixasse a região, João Alfredo estava consciente de que seu destino estava predestinado ao martírio, conforme expresso em seus discursos fervorosos, nos quais afirmava que, se capturado e morto pelos militares e que se seu corpo fosse retalhado em cinquenta pedaços, cada um deles seria um fragmento de resistência comunista: *“Podem me cortar em 50 pedaços, mas serão 50 pedaços de um comunista”*. A disposição de João Alfredo para combater as injustiças o situa dentro de um contexto singular da história brasileira. Isso se evidencia no momento em que, na segunda vez em que foi preso, expressou para sua irmã a intenção de deixar a região da várzea para não "causar mais tristeza" à família. Infelizmente, João Alfredo é mais um entre tantos homens e mulheres que foram arrancados de seus lares durante o regime militar e jamais retornaram, inscrevendo-se assim nas páginas sombrias da história do Brasil.

Conforme evidenciado pelos registros da Comissão Estadual da Verdade, João Alfredo foi libertado em 30 de agosto de 1964. Tal informação é corroborada pelo depoimento de Marina, que afirma ter falado com o Major Cordeiro²⁷, o qual confirmou a libertação de João Alfredo no dia anterior, 29 de agosto, um sábado à noite. Contudo, Marina posteriormente corrigiu essa informação, declarando que a libertação de João ocorreu de fato em um domingo à noite, após as 21 horas. Esse desencontro de informações suscita questões pertinentes, como as condições logísticas para o retorno de João Alfredo a sua residência após tal horário e a disponibilidade de alojamento em João Pessoa durante esse período noturno.

Quinze dias após o desaparecimento de João Alfredo, dois corpos carbonizados²⁸ foram encontrados na estrada entre Campina Grande e Pernambuco, sugerindo fortemente que

²⁷ Segundo o relatório da Comissão Estadual da Verdade o comando do 15º Regimento de Infantaria estava nas mãos do coronel Ednardo D’Ávila Mello, amplamente conhecido por sua intervenção na política da Paraíba, auxiliando os grandes proprietários de terras do Grupo da Várzea a invadir as áreas controladas pelas ligas camponesas sob o pretexto de "treinamento" militar. No quartel, destacava-se o major José Benedito Montenegro de Magalhães Cordeiro, também conhecido como Major Cordeiro, cuja reputação era de ser implacável com os prisioneiros políticos, submetendo-os a tratamentos cruéis. Sua influência cresceu quando foi designado para liderar o Inquérito Policial Militar do "Grupo dos Onze", investigando as relações políticas entre paraibanos e o ex-governador gaúcho Leonel Brizola. Este trecho foi retirado da página 211 do relatório da Comissão Estadual da Verdade da Paraíba que pode ser visto através do seguinte link: https://www.cev.pb.gov.br/relatorio-final/cev-pb_relatorio-final.pdf

²⁸ Em relato a CEV-PB, Marina, irmã de João Alfredo: “Olha, aquele jornal que saiu, [...] eu acho que tinha tudo, porque na época, [...] o jornal era preto e branco, mas era um jornal tão bem feito, porque João ele tinha um shortezinho cheio de listrinha, de todas as cores, e o jornal era preto e branco mas parecia a parte que era do João, era assim uma pessoa mais escura. E o Pedro Fazendeiro tinha uma perna mais curta do que outra, [...] e pelo que ele tava deitado ali, ele tava com a perna assim, a perna meia curta. (Comissão Estadual da Verdade, página 381)

tais corpos pertenciam a João Alfredo e Pedro Fazendeiro. Este incidente levanta uma série de indagações acerca das circunstâncias que levaram a essa trágica descoberta e da responsabilidade pelas mortes. A Comissão Estadual da Verdade identificou Cabo Chiquinho como o responsável pelo assassinato de João Alfredo, destacando que ele já havia sido condenado por sua participação na morte de João Pedro. Essa conclusão é baseada em testemunhos apresentados nos grupos de trabalho "Repressão do Estado e de Milícias Privadas" e "Mortos e Desaparecidos Políticos". Naúgia Araujo, filha de Pedro Fazendeiro, relatou que soube através da sogra de Cabo Chiquinho, Dona Corina, que este havia confessado ter matado Pedro Fazendeiro e João Alfredo. Além disso, João da Cruz Fragoso também forneceu um testemunho relevante, indicando que sua irmã, uma assistente social designada para investigar denúncias de que presos da penitenciária do Roger saíam à noite para cometer assassinatos, relatou que Cabo Chiquinho havia confidenciado ter sido libertado à noite com o propósito de assassinar as duas lideranças camponesas, João Alfredo e Pedro Fazendeiro.

4. Considerações finais

A intenção desse breve artigo é fazer um relato detalhado da vida e do trágico destino de João Alfredo Dias do Nascimento. Esse trabalho oferece uma visão profunda das complexidades da ditadura militar. Pensando a sua trajetória, passando desde as suas origens humildes até sua vitória enquanto candidato a vereador, depois o seu assassinato. Aqui não quero destacar apenas suas habilidades pessoais e sua dedicação à causa dos trabalhadores, mas também os desafios enfrentados por aqueles que lutavam contra a injustiça e opressão do latifúndio que é uma das bases do capitalismo brasileiro. Nego Fuba emergiu como uma figura proeminente na luta pela reforma agrária e pelos direitos trabalhadores rurais, enfrentando a vioência dos coronéis da terra que estavam ocupando cadeiras nos poderes executivos, legislativos e judiciários. Os discursos mobilizadores de João Alfredo e seu papel central na fundação das Ligas Camponesas na Paraíba o tornaram uma ameaça aos interesses dos latifundiários e das autoridades militares, resultando em sua perseguição e assassinato.

A questão racial também desempenha um papel crucial na história de João Alfredo Dias do Nascimento. Sua trajetória como um homem negro em um contexto onde os debates em torno da “democracia racial” e a falácia da “não existência do racismo no Brasil” adiciona uma camada significativa e complexa da sua luta política e social. Sua identidade racial não apenas moldou suas experiências pessoais, mas também influenciou tanto sua visão de transformação social quanto sua visão de mundo. Como liderança das Ligas Camponesas, João Alfredo, não sofreu apenas resistência das elites locais, mas também o preconceito racial que permeava/permeia as estruturas de poder. A sua morte foi um movimento orquestrado junto com o golpe militar de 1964, entretanto, o fato de hoje, 60 anos depois está escrevendo um artigo sobre sua vida e trajetória mostra que apesar do seu sofrimento em vida, sua luta serve

como farol e referência para milhares de pessoas que acreditam em um mundo mais justo, onde a solidariedade prevaleça sobre o individualismo e a luta por justiça social seja a pedra de toque da realidade.

5. Referências bibliográficas

ANDERSON, K. **Marx nas margens: nacionalismo, etnia e sociedades não ocidentais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Dossiê: marxismo e questão racial**. *Margem Esquerda*, São Paulo, n. 27, 2º sem. 2016.

HERNÁN OUVIÑA. **Rosa Luxemburgo e a reinvenção da política**. São Paulo. Boitempo Editorial, 2021.

MARX, K. **O Capital - Livro 1**. São Paulo. Boitempo Editorial, 2015.

CHADAREVIAN, P. C. **Raça, classe e revolução no Partido Comunista Brasileiro (1922-1964)**. *Política & Sociedade*, v. 11, n. 20, 18 jun. 2012.

BORDA, E. W. B. **Entre racializações: Oliver C. Cox e a sociologia**. *Sociedade e Estado*, v. 36, p. 293–315, 26 maio 2021

VIEIRA, L. F. A. **Por um abolicionismo penal antirracista : centralizando a raça no debate abolicionista brasileiro a partir de Angela Davis**. *acervodigital.ufpr.br*, 2021.

JURACI MARQUES FERREIRA. **O processo histórico de Sapé (1757-2012)**.

BENEVIDES, C. A. C. **Camponeses em marcha : estudo das ligas camponesas paraibanas (1960-1964)**. *acervodigital.ufpr.br*, 1985.

ROLIM, G. K.; CÁ, V. I. V. **Um conceito a construir: as forças produtivas no pensamento de Amílcar Cabral**. *Revista TransVersos*, n. 22, 23 ago. 2021.

MOURA, C. **Dialética Radical do Brasil Negro**. São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 2014. 231 R. Katál., Florianópolis, v.25, n. 2, maio-ago. 2022.

MOURA, C. **Escravidão, Colonialismo, Imperialismo e Racismo**. *Revista Afro Ásia*, Salvador, n. 14, 1984. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/issue/view/1448/showToc..>

MOURA, C. **O Racismo como arma ideológica de dominação**. *Revista Princípios*, São Paulo, n. 34, 1994.

MOURA, C. **Sociologia do Negro Brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

SILVA, S. R. V. DA; FAGUNDES, G. **Clóvis Moura e a questão social no Brasil**. Revista *Katálysis*, v. 25, p. 222–231, 6 maio 2022.

FANON, FRANTZ. **Os condenados da terra**. Selo Zahar- Companhia das Letras, 2022.

Fanon, F. (1968). *Os condenados da terra*. São Paulo: Civilização Brasileira.

POST, G. S. AND C. **Class, Race and Capital-centric Marxism: an interview with Charlie Post**. Disponível em: <<https://salvage.zone/class-race-and-capital-centric-marxism-an-interview-with-charlie-post/>>. Acesso em: 28 fev. 2024.

POST, CHARLES. **Marxismo e opressão racial: por uma teoria unificada**. NIEPMARX. Universidade Federal Fluminense.

Costa, Emilia Viotti . **Da senzala à colônia**. São Paulo: Editora UNESP. Ano: 2010.

